

nossos cartazes, Gastão Tojeiro, Claudio de Souza, Viriato Correia, Oduvaldo Viana, e alguns outros, no Trianon que representou um importante papel nessa obra de resurgimento do teatro nacional. Sob a influência mais ou menos manifesta das ideias de Antoine, — que á custa de sua ruina financeira as impusera no teatro europeu, — havia uma febre de “verdade”, de “realidade”, de “humanidade” no teatro brasileiro. Aquele, a quem a vida sempre se mostrara severa, que sempre vivera em contato com a realidade, estava mais apto que qualquer outro para apresentar a verdade aos espectadores de nossas casas de espetáculos.

Essa é a força do teatro de Armando Gonzaga. A exatidão dos tipos que ele criou magistralmente, cheios de vida, palpitanes de realidade. É o “Ananias” sonhando em ser Ministro do Supremo, o “Taveira” guindado a altas posições sem nenhuma qualidade para isso, o “Liborio” de “CALA A BOCA ETELVINA” tudo sacrificando para não perder o apoio financeiro da Baroneza, o chefe da casa em “O AMIGO DA PAZ” que para ter paz, fica subordinado a todos os outros, o interesseiro que, em “A BARBADA”, não hesita em fazer da criada sua filha natural, quando a vê cortejada por um milionário. São tipos que aí estão, na vida de todos os dias, duplices, melifluos, violentando as regras da logica e da dignidade em função de seus interesses. O teatro de Armando Gonzaga é um vasto espelho de toda uma época de ambições desenfreadas, de luta pelo exito a todo o preço. Um grande páreo universal, em que o que importa é cruzar o disco final em primeiro lugar.

A especulação sem freios, a ambição que tenta vestir-se com uns farrapos de virtude, a moral interesseira, a inteligência posta a serviço de interesses pessoais, a falsa moral, tudo em luta contra a generosidade, a ternura, o espirito de sacrificio, o altruismo, de uma geração que desejaria viver em moldes mais sadios de moral e dignidade, teimando em rebelar-se contra uma maturidade que quer educar por palavras, e nunca por bons exemplos. Tudo isso está palpitante na obra desse autor, desde a primeira á ultima de suas peças.



Habitudo a conhecer e a despertar o interesse do publico, revestiu Armando Gonzaga as suas peças desse interesse dramático, dessa intensidade de ação, de que já nos fala Aristoteles em sua “Arte Poetica”. Sabe ele por instinto e por experiencia, que o fundamental na obra de teatro é a peripecia, isto é, o desenvolvimento da ação em moldes não previstos.

Os seus personagens são traçados com a mão vigorosa de um grande colecionador

de emoções. Tem ele sempre á mão, um meio de inverter, por fim, a posição de seus titeres, transformando, como por milagre, o fraco em forte, o pobre em rico, o criminoso em vitima. Nessas oportunidades, é curioso observar a constancia com que ele se apega á herança, ou ao Grande Premio. Ele, o grande deserdado da vida! Ha sempre um parente rico que aparece, ou morre, para dar uma solução feliz aos problemas de quase todos os seus personagens centrais. Talvez sonhasse ele, desde jovem, com um desses milagres que prontamente o elevasse às mais altas camadas da sociedade. É o que acontece em “MINISTRO DO SUPREMO”, em “A BARBADA”, “O BERNARDO DER-RAPOU”, “O MALUCO N.º 4”, “O HOSPEDE DO QUARTO N.º 2”, e muitas outras.



A juventude penosa de Armando Gonzaga marcou-lhe o caráter com uma vontade firme, uma singular personalidade e uma inabalavel confiança em si proprio. A sua obra espelha admiravelmente essas qualidades. Todo o amargor que recebeu, devolveu-o em amena ironia. A situação mais tragica, foi para ele um aspecto jocoso, que põe em destaque com primorosa habilidade. Sua obra apresenta características proprias. Surgiu no período áureo do “Vaudeville” frances, e do teatro de “chistes”, “trocadilhos”, e “jogo de palavras”, tão ao sabor das platéias hispano-lusitanas e, todavia, não se submeteu a essas influencias.

Gosta de armar situações, — sabe que o teatro vive da ação, — mas nunca se descuida do diálogo. Teatro tecnicamente bem construido, dentro de boa lógica, com personagens psicologicamente coerentes, trabalhados com minucias e detalhes que lhe dão qualidades. Seu teatro faz rir, rir sempre e rir muito, dentro de uma linha de absoluta correção, sem concessões ao absurdo ou á imoralidade. Dentro da simplicidade de seus propositos a em cada uma de suas peças determinados tipos, vivendo certas situações, que, pela sua profundidade psicologica, não podem passar desapercibidos ao observador mais atento.

É essa a razão porque nossos grandes atores e atrizes deste seculo, devem a Armando Gonzaga, senão os primeiros aplausos consagradores, pelo menos a grande criação que os firmaram no apreço publico. Seu teatro não é essencialmente de “Carpintaria”, nem pretendeu nunca ser de “tese”. Muito de “Vaudeville”, “Farsa” e comedia propriamente dita, nele o diálogo resalta a situação para justificar cenas da mais sadia hilaridade.





Casadas Solteiras — peça de Martins Pena levada pela Companhia Dramatica Nacional.

1.º plano, em pé, Sonia Oiticica, Ferreira Maya, Waldir Maia, Carlos Melo, A. Fregolente, Ada Carneiro, Elísio de Albuquerque, Magalhães Graça, Marina Ramos, Walter Gonçalves e Déo Costa; sentados: Celme Silva, Nilson Pena (cenografo), Santa Rosa (diretor artistico), José Maria Monteiro (diretor-ensaiador) e Nathalia Timberg; no chão: Narto Lanza e Maria Fernanda.

COMPANHIA DRAMÁTICA NACIONAL

Temporada de 1954

A Companhia Dramática Nacional, este ano, deu início a sua temporada a 1.º de junho, no Teatro Municipal, levando à cena a tragédia de Nelson Rodrigues, sob o título “Senhora dos Afogados”, tendo como diretora Bibi Ferreira, como cenógrafo e figurinista Santa Rosa e como intérpretes Sonia Oiticica, Nathalia Timberg, Narto Lanza, Carlos Melos, Ribeiro Fortes, Ferreira Maya, Wanda Marchetti, Elisio de Albuquerque, Waldir Maia, Celme Silva, Walter Gonçalves, Maria Fernanda, Magalhães Graça, Déo Costa e coros por alunas do Conservatório Nacional de Teatro. “Senhora dos Afogados” desenvolve-se em atmosfera sobrecarregada de paixões exacerbadas, de ódio e de vingança. Mas toda essa poesia trágica repleta por vezes de expressões chocantes, se reveste de extraordinária força emotiva quando Moema — a heroína do grande conflito psicológico — como uma nova Lavinia, condena-se ao isolamento na impunidade de seus crimes.

A Companhia Dramática Nacional representou “As casadas solteiras”, de Martins Penna, com “mise-en-scène” de José Maria Monteiro e cenários e figurinos de Nilson Pena. A interpretação esteve a cargo dos seguintes atores Elisio de Albuquerque, Magalhães Graça, Narto Lanza, Celme Silva, Maria Fernanda, A. Fregolente, Nathalia Timberg, Adalberto Silva, Ferreira Maya, Walter Gonçalves, Carlos Melo, Sonia Oiticica, Déo Costa, Orlando Macedo, Waldir Maia, Marina Ramos e Cida Carneiro. Na récita de estréia, em danças, tomou parte o Teatro Folclórico Brasileiro, dirigido pelo poeta Solano Trindade. D. Iris Barbosa de Melo executou as “marionettes”. Comédia das mais interessantes por satírica e

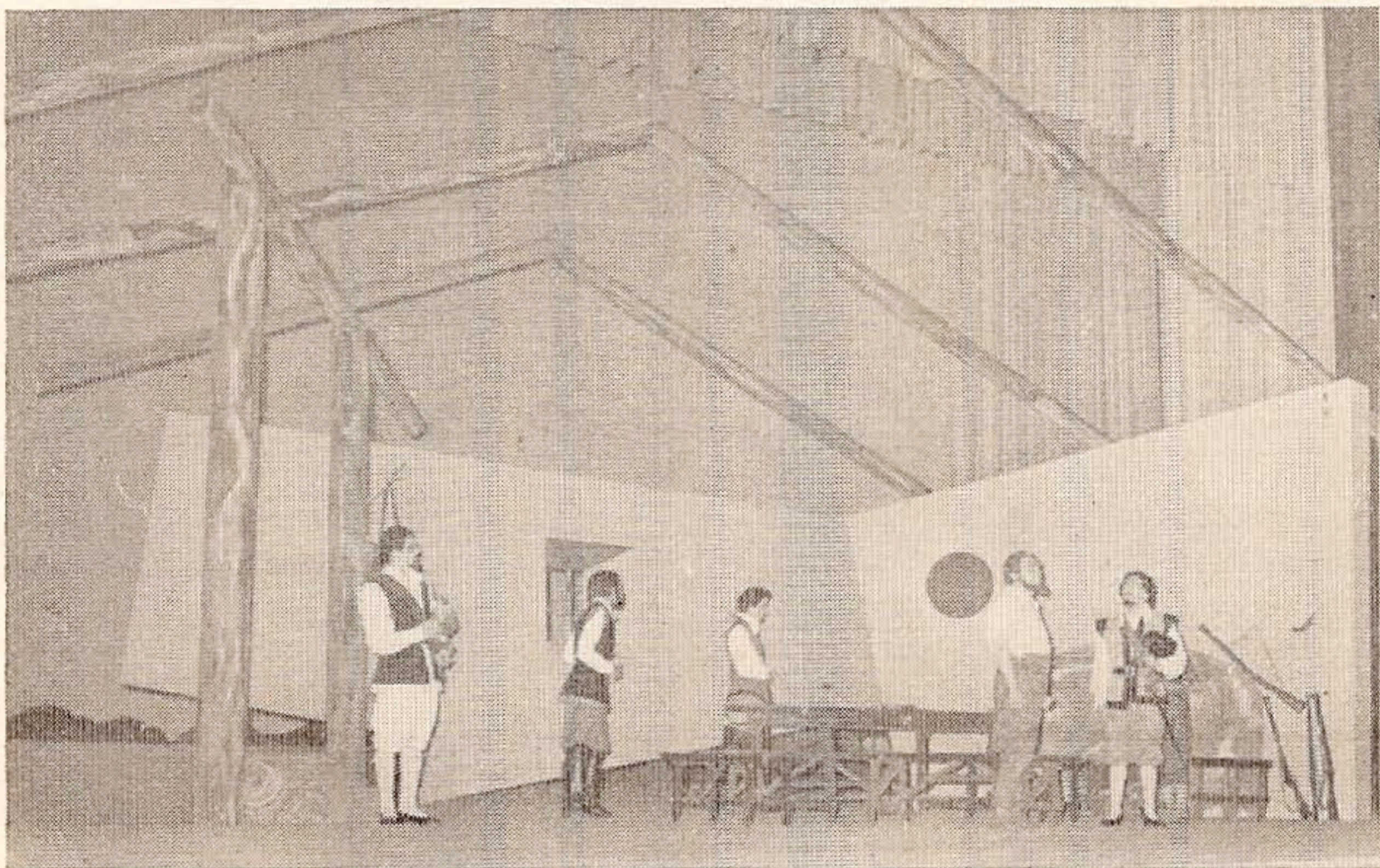
graciosa, “As casadas solteiras” tem por paisagem no primeiro ato, a Ilha de Faquetá e como sugestão para a ação dramática uma festa de arraial, o segundo ato decorre pleno de lances românticos, enquanto o terceiro, todo vivo e galante, tem seus instantes de ingenua hilaridade bem característica da época.

“Cidade Assassinada” a terceira peça da temporada teve o mérito de revelar um novo teatrólogo: Antonio Calado, jornalista e romancista de renome. O ator Ribeiro Fortes dirigiu em cenários e figurinos de Harry Cole. A “Cidade Assassinada” baseia-se em episódio histórico concernente à fundação de São Paulo. Lá está o desbravador João Ramalho em luta contra os padres jesuitas, notadamente José de Anchieta. Como intérpretes aparecem A. Fregolente, Maria Fernanda, Narto Lanza, Carlos Melo, Walter Gonçalves, Ferreira Maya, Waldir Maia, Orlando Macedo, Elisio de Albuquerque, e em nota de disciplina artística tomaram parte como simples figurantes as atrizes Sonia Oiticica, Nathalia Timberg, Celme Silva, Wanda Marchetti e Déo Costa, acompanhadas por Nestor Montemar, Sidney Plader, Durval de Barros, Tulio Varga, Leste Iberê, Antonio Mata, alunos das diversas séries do Conservatório Nacional de Teatro.

A quarta peça encenada foi “Lampião”, de Rachel de Queros, sob a direção de Bibi Ferreira com assistência de Armando Carlos Magno e cenários e figurinos de Claudio Moura (do Curso de Cenografia do CNT). Dos papeis se encarregaram Magalhães Graça, Celme Silva, Orlando Macedo, Waldir Maia, Adalberto Silva, Carlos Melo, José Silva, Walter Gonçalves, Elisio de Albuquerque, Ferreira Maya, A.



Da esquerda para a direita: Nestor Montemar, Adalberto Silva, Celme Silva, Carlos Melo, Ferreira Maya, Elisio de Albuquerque, Walter Gonçalves, Magalhães Graça, Zair Nascimento, Waldir Maia, Antonio Gonçalves Mata, Orlando Macedo e Getulio Vargas.



Uma cena de "A Cidade Assassinada" de Antonio Callado, na temporada da Companhia Dramática Nacional, da temporada de 1954. Da esquerda para a direita Carlos Melo, Orlando Macedo, Nardo Lanza, A. Fregolente e Walter Gonçalves.

Fregolente, Ildefonso Norat, Narto Lanza, Ribeiro Fortes, Leste Iberê, Zair Nascimento, Antonio Mata, Sylvio Telles, Nestor Montemar, Paulo Albuquerque, Duval de Barros e Tulio Varga, estes oito últimos alunos do Conservatório Nacional de Teatro. "Lampião", estréia para o grande público de Rachel de Queiroz como autora teatral, conta a história do famoso bandido nordestino, suas façanhas e seus amores com Maria Bonita, sua companheira na vida e na morte.

A Companhia Dramática Nacional realizou depois breve temporada no Teatro Ginástico com "Senhora dos Afogados". No Teatro do Instituto Normal na Bahia, foram levados a efeito vinte espetáculos e mais dois no Teatro Oceania. Em Recife, no Teatro Santa Isabel, vinte e quatro récitas. Além do repertório apresentado no Rio, remontou-se "A Raposa e as Uvas", de Guilherme Figueiredo, passando-se assim a dispor de cinco originais. De Pernambuco regressou ao Rio, por determinação do então diretor do SNT, Sr. Adonias Aguiar Filho.



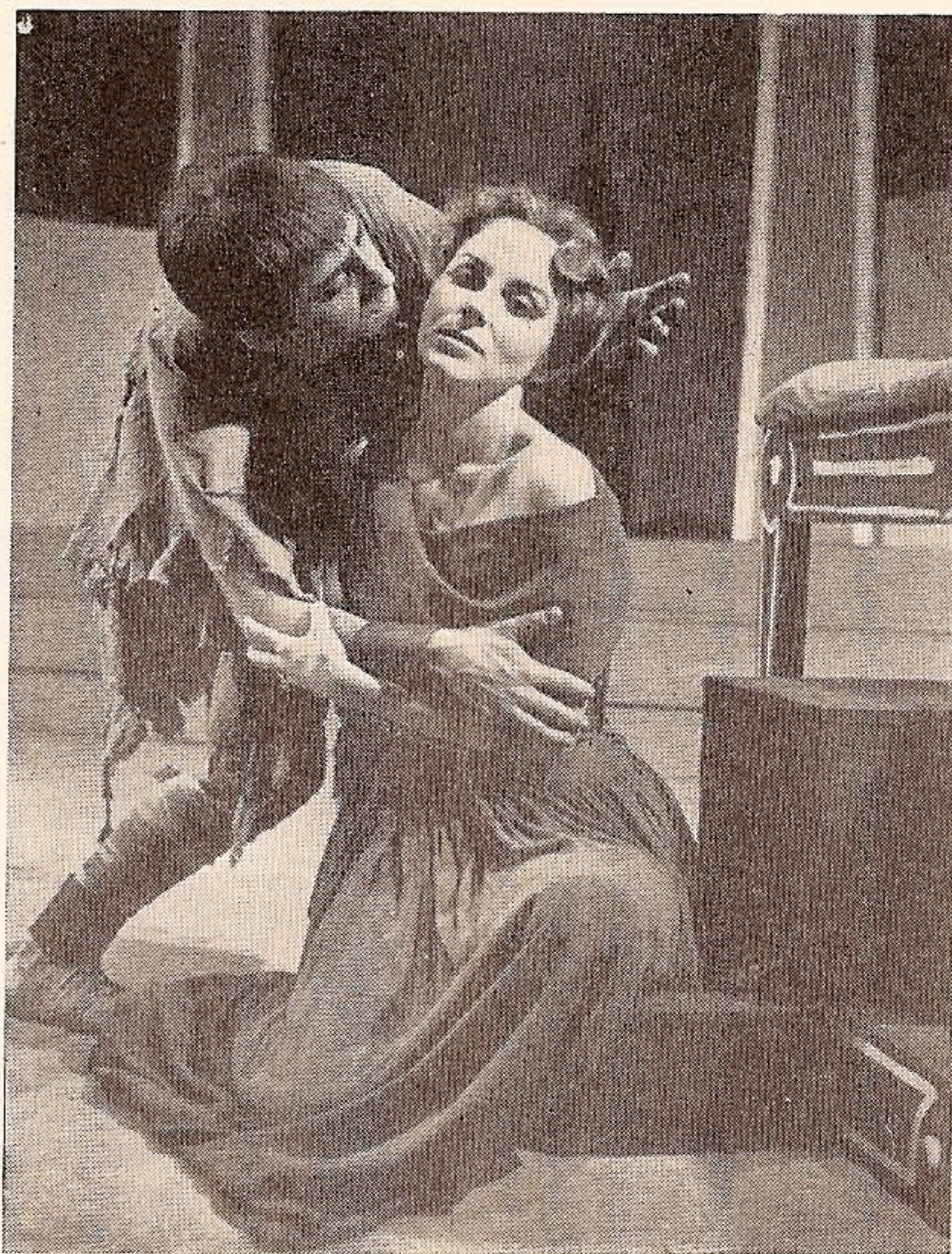
*Carlos Melo e Sonia Oiticica em
"Senhora dos Afogados", de Nelson
Rodrigues.*



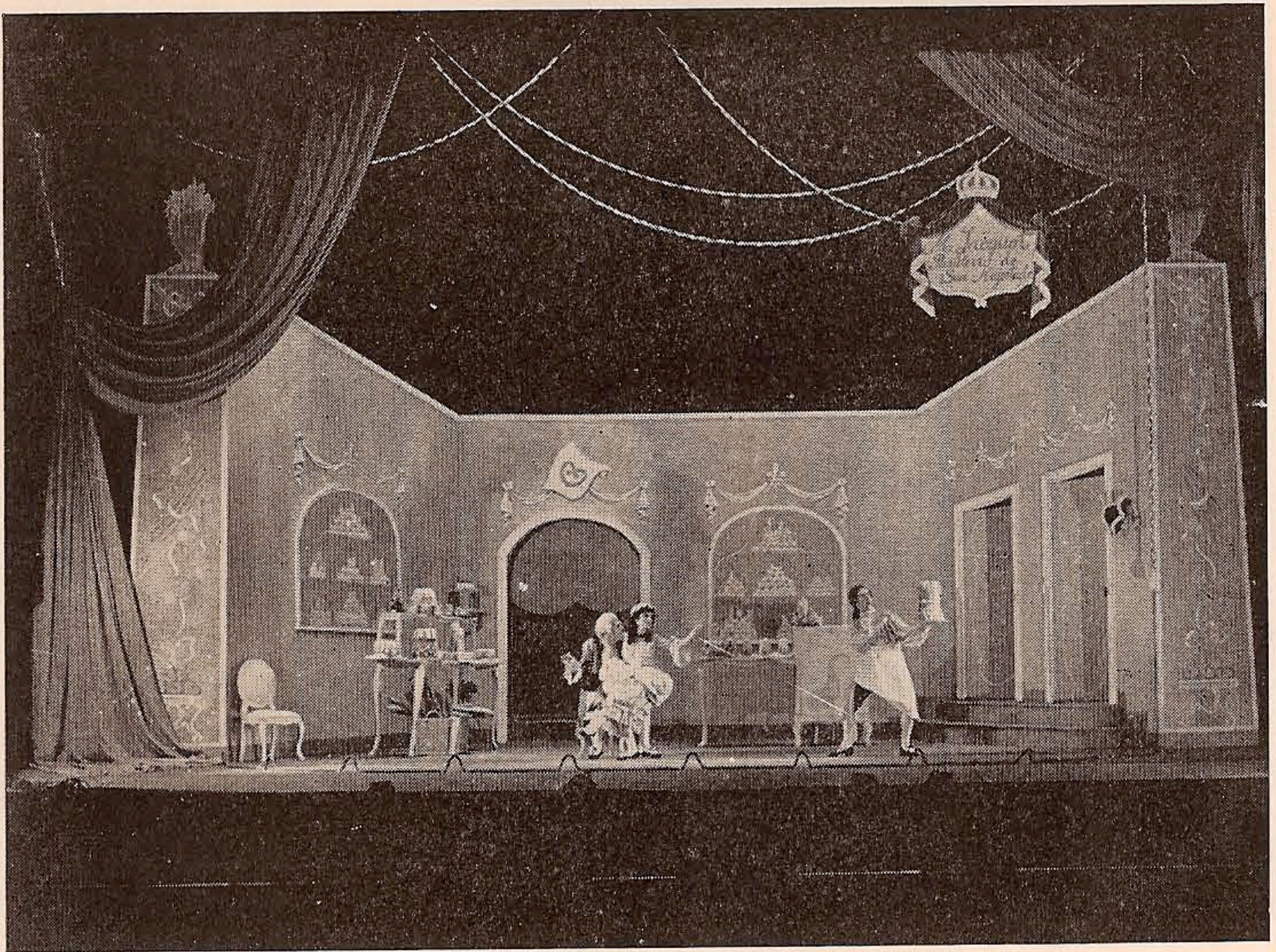
CLAUDIO CORREIA E CASTRO
O Contra-Regra



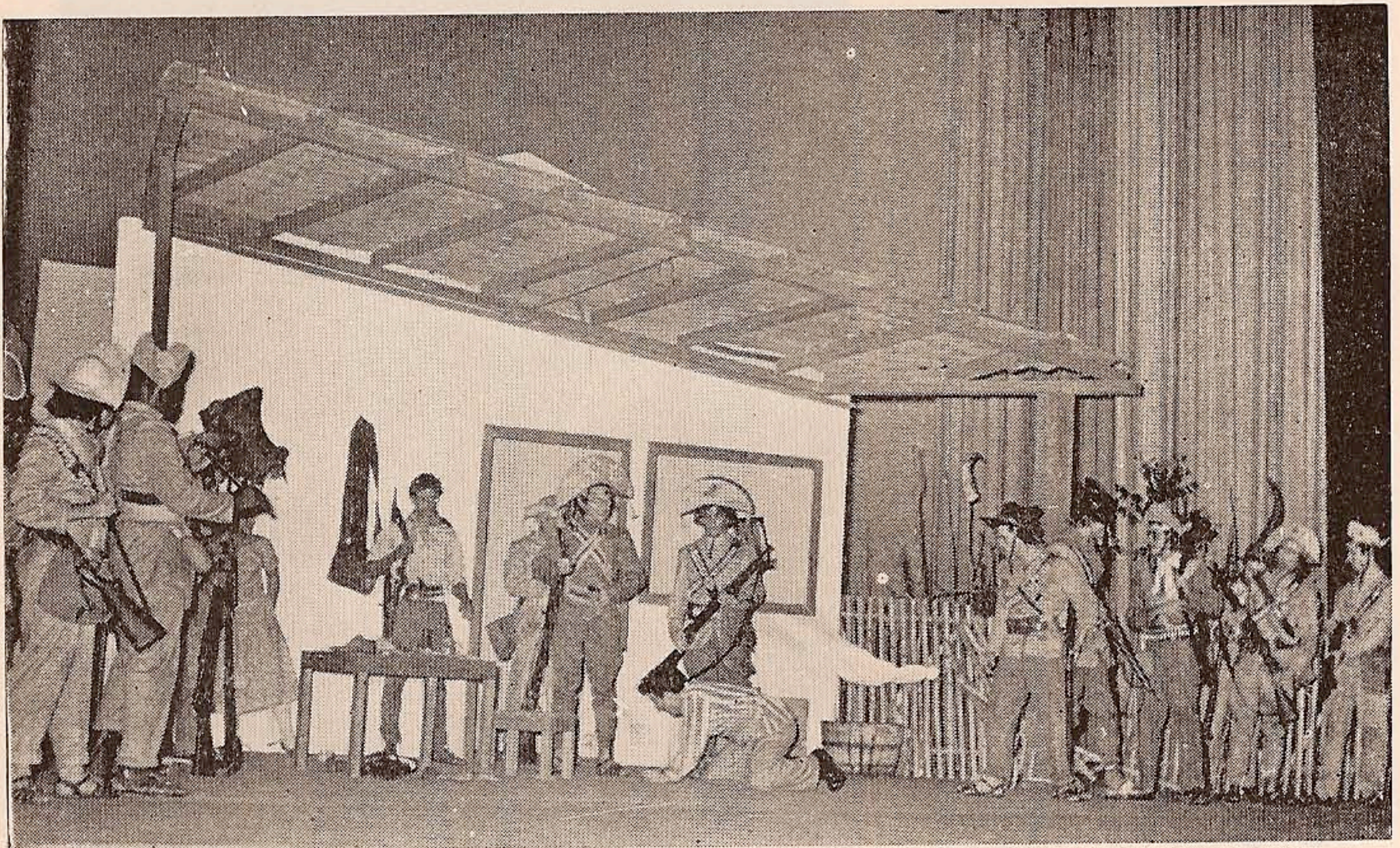
Orlando Macedo, em pé, de guarda-chuva, e Renato Res-tier, deitado, numa cena de "A Falecida", de Nelson Rodrigues



Uma cena de "A Raposa e as Uvas", de Guilherme Figueiredo, vendo-se Sérgio Cardoso e Nidia Lícia



"Canção dentro do pão", de R. Magalhães Júnior. Da direita para a esquerda:
Sérgio Cardoso, Nidia Lícia e Leonardo Vilar



Uma cena de "Lampião", de Raquel de Queiroz, vendo-se, ao centro, Elisio de
Albuquerque no papel título da peça